

La creación está en el aire: juventudes, política, cultura y comunicación

BARBALHO, Alexandre Almeida.

Barcelona: UOC, 2014. 104 p.

A criação está no ar: juventudes, política, cultura e comunicação

The creation is in the air: youths, politics, culture and media

Amanda Nogueira de Oliveira¹

Resumo Publicado em 2014 pela editora UOC, de Barcelona, o livro *La creación está en el aire: juventudes, política, cultura y comunicación* propõe um diálogo acerca das juventudes no cenário contemporâneo. Para isso, discute o papel das juventudes enquanto categoria social plural a partir de sua atuação político-cultural, que é reforçada pelos aparatos tecnológicos comunicacionais. Tais aparatos são percebidos como plataformas de visibilidade, de construção de identidades e produção de sentidos. O livro traz ainda profundas discussões sobre as juventudes enquanto minoria e, ainda, sobre as políticas públicas voltadas para essa categoria, justificando a cartografia como possibilidade teórico-metodológica essencial para a investigação do cenário juvenil.

Palavras-Chaves: Juventudes; Cultura; Política; Mídia

Abstract Published in 2014 UOC publishing in Barcelona, the book *La creación está en el aire: juventudes, política, cultura y comunicación* (Creation is in the air: youth, politics, culture and communication) is a dialogue on contemporary youth. It discusses the role of young people as a plural social category based on their cultural and political presence, which is reinforced by technological communications devices. These devices are perceived as platforms for visibility, identity construction and the production of meaning. The book also

¹ Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, CE, Brasil.
E-mail: olivanog@gmail.com.

presents in-depth discussion on youth as a minority as well as public policy aimed at this category, justifying mapping as an essential theoretical and methodological tool to investigate this group.

Keywords: *Youths; Culture; Politics; Media*

O livro de Alexandre Barbalho, *La creación está em el aire: juventudes, política, cultura y comunicación*, publicado pela editora UOC, de Barcelona, traz um rico e diverso diálogo sobre uma das categorias sociais que, no último século, principalmente a partir dos anos de 1950 e 1960, tem atraído cada vez mais a atenção de sociólogos, antropólogos, dentre outros pesquisadores, em todo o mundo: as juventudes.

Resultado de uma pesquisa contínua do autor, tal livro deve ser visto como uma das mais expressivas contribuições, na atualidade, para as discussões sobre juventudes. A obra faz uma reflexão sobre a utilização dos aparatos tecnológicos para o fomento e a visibilidade de suas práticas e sobre as políticas culturais resultantes desta categoria, seja em suas manifestações nos espaços públicos, seja na forma com que criam seus eixos e circuitos de “produção, circulação e fruição”, independentemente de fronteiras, percursos e espaços definidos. A discussão também se encaixa na perspectiva já trabalhada pelo autor sobre minorias sociais, termo que, segundo ele, mais se aproxima das juventudes atuais.

Alexandre Barbalho é professor dos Programas de Pós-graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao longo de seu percurso, atuou nas áreas de comunicação e cultura, com ênfase em políticas de cultura, de comunicação e das minorias, sendo autor, organizador e coorganizador de diversos livros sobre a temática, dentre eles *Relações entre Estado e cultura no Brasil* (Unijuí, 1998); *Brasil, brasis: Identidades, cultura e mídia* (Fundação Demócrito Rocha, 2008); *Comunicação para a cidadania: Questões teóricas e metodológicas* (com Bruno Fuser e Denise Cogo – Intercom, 2010); e *Comunicação e cidadania: Questões contemporâneas* (com Bruno Fuser e Denise Cogo – Fundação Demócrito Rocha, 2011).

Dentre as discussões-chave desenvolvidas pelo autor durante todo o livro estão: a) a compreensão conceitual do que seriam as juventudes na contemporaneidade, realizando um levantamento histórico gradual sobre essa categoria; b) a discussão acerca da afirmação desta categoria social como minoria; c) o debate sobre a necessidade de políticas públicas voltadas para esta esfera; d) a pesquisa quali-quantitativa abrangente

realizada pelo autor a partir dos textos submetidos no grupo de pesquisa Comunicação para a Cidadania, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), entre os anos de 2001 e 2009, do qual faz parte; e e) a ideia de protagonismo juvenil, ainda sustentada e bastante debatida, como denominação conflituosa para com as juventudes no Brasil².

Por tratar conceitos tão complexos ao longo do texto, estando alguns ainda em formação, é possível compreender a necessidade do autor em apresentar uma breve contextualização sobre o conceito de juventudes. Barbalho dialoga sobre a capacidade plural das juventudes, estabelecendo-as como *constructo social*, além de enaltecer suas potencialidades, sua diversidade de linguagens, sua capacidade de organização como expressão política e de construção de identidades, contrariando a visão³ de que as juventudes seriam, assim, uma categoria etária ou zona de transição baseada apenas em aspectos biológicos.

Ao mesmo tempo em que o interesse pela descoberta das ações, costumes, ritos, rituais e linguagens desse novo ser e estar jovem vai sendo alimentado – enquanto descoberta sociológica –, passa a ser de interesse deste novo ciclo social a utilização do *ser jovem* como uma nova possibilidade de expansão do consumo. Seja por meio de produtos a serem consumidos diretamente por jovens, seja no fortalecimento de um padrão juvenil como ideal de existência, passando a fornecer “modelos de conduta e consumo para outras gerações”.

Barbalho evidencia a importância da contribuição da cartografia na pesquisa sobre as juventudes, não apenas de suas práticas e construções culturais, mas também de suas criações midiáticas. Para isso, estabelece conceitualmente as juventudes como minorias, justificando-as enquanto tal a partir de quatro fatores: sua vulnerabilidade jurídico-social; sua capacidade de transformação e recomeço; sua luta contra-hegemônica contra o consenso e o ordenamento instituído, enaltecendo suas

² A versão brasileira *A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia*, publicada em 2013 pela editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUece), diferentemente da versão espanhola, traz 10 capítulos, sendo os outros cinco relacionados às juventudes presentes na realidade cearense.

³ Já refutada dentre diversos estudos sociológicos e antropológicos atuais.

peculiaridades; e de suas estratégias discursivas. O autor, estabelecendo este último fator como prioritário para a atuação das juventudes como minoria, reforça a comunicação como potencial ferramenta de visibilidade – essencial para o exercício de autonomia das juventudes –, reforçando as tecnologias como “*habitat* mais adequado” para as juventudes contemporâneas, como plataforma para que suas políticas culturais ultrapassem o seu entorno imediato, na possibilidade de relativização das fronteiras entre centro e periferia.

Como referência teórico-metodológica para pensar os estudos sobre juventudes, o autor defende constantemente a cartografia, principalmente pelo seu caráter fluido e pela perspectiva de que tal ferramenta auxiliaria no extravasamento dos afetos e desejos das juventudes, sendo a prática da cartografia essencialmente política.

Ao discutir juventudes, suas potências e possibilidades, identifica-se como inevitável, a partir do percurso consolidado pelo autor, não pensá-las como foco de políticas públicas, tendo em vista que elas suscitam discussões acerca de seus movimentos, cultura e políticas. Para isso, Barbalho esclarece a necessidade de partir de um universo social mais amplo, inclusive histórico, trazendo como elemento fomentador de discussões nesse âmbito um documento produzido em 2004 pela Unesco, no qual evidencia a situação das juventudes na América Latina.

De acordo com o documento, as políticas públicas para as juventudes latino-americanas estão sendo pensadas, ao longo do tempo, a partir de quatro enfoques: como grupo de risco; como sujeitos de direito; como atores estratégicos para o desenvolvimento; e na perspectiva do capital social e do empoderamento. Dentre os quatro, segundo o autor, a segunda perspectiva seria uma possibilidade que fugiria do ideal promovido a partir da matriz liberal, mesmo que identificada como limitada pela Unesco. A partir dos enfoques pensados, são desenvolvidos quatro tipos de “modelos” para as juventudes na América Latina, pensados prioritariamente como forma de controle, seja de seu tempo livre, de sua conduta, de sua sexualidade, ou mesmo de sua capacidade de atuação política.

Aos poucos cria-se uma constatação generalizada de que as juventudes são apáticas, e que isso é evidenciado especialmente pelo seu afastamento de instituições e esferas práticas da política. O autor não coaduna com tal afirmação, e esclarece, a partir de informações oriundas de pesquisas feitas diretamente com jovens, que a rejeição não se daria propriamente pela política, mas pela maneira como ela se dá hegemonicamente.

Voltando seu olhar para a realidade brasileira, Barbalho também cita o fortalecimento das ONGs como cliente do poder público, “reforçando o processo de diminuição do Estado” na construção de políticas públicas para juventudes. A partir disso, reafirma a necessidade de políticas de Estado voltadas para essa categoria social, especialmente no que concerne ao direito à cultura, considerado um dos direitos fundamentais para toda a sociedade, e mesmo assim ainda não presente no artigo 6º da Constituição Brasileira de 1988.

Em relação à discussão sobre políticas públicas e cidadania, o autor realiza uma análise quali-quantitativa a partir dos textos submetidos ao grupo de pesquisa Comunicação para a Cidadania, da Intercom, entre os anos de 2001 e 2009, sobre o tema juventudes. Dentre os trabalhos que tomam as juventudes como foco central de pesquisa e análise, uma das afirmações significativas e que corresponde ao diálogo proporcionado pelo autor durante todo o livro, é que os jovens “são sujeitos ativos do processo comunicacional, ou seja, são jovens comunicadores”, sendo que as mídias com as quais mais se identificam são as audiovisuais e a internet. Também estão presentes, na análise dos textos, a potência da música, o caráter plural das juventudes e sua constituição enquanto minoria. Minoria, aliás, que está presente no centro das discussões sobre protagonismo.

Ao final do livro, Barbalho discute sobre a existência de uma “conflúencia perversa” no embate democrático brasileiro que vai coadunar diretamente com a discussão sobre protagonismo juvenil. O referido termo foi cunhado por Dagnino (2005) para denominar a relação estabelecida “entre o projeto democrático e aquele defendido pelo

neoliberalismo”. Enquanto o primeiro investe na ampliação da democracia e na participação da sociedade civil nas zonas de poder, o segundo defende o Estado mínimo, “inclusive na promoção de direitos coletivos, nas responsabilidades sociais e na transparência de suas ações”.

Ou seja, na democracia instituída e permeada pela confluência perversa, o Estado diminui em funções, ao mesmo tempo que identifica parceiros na perspectiva neoliberal; no caso, o terceiro setor. Assim, a participação passa a ser compreendida como “participação solidária”, considerada “voluntarismo”, no caso dos indivíduos, e na “responsabilidade social”, no caso das instituições, principalmente empresariais.

A perspectiva estabelecida a partir dessa confluência perversa é a de que os jovens sejam chamados e inseridos, de fato, como voluntários em uma esfera política asséptica, tornando-se objetos, e não sujeitos de políticas governamentais e não governamentais. Mais que o olhar para a sociedade de forma coletiva, como protagonista e empreendedor de si, esse jovem é permeado pela noção de desenvolvimento de competências individuais.

No entanto, em meio a essa extrema disputa de sentidos, as rupturas nesse processo – que convergem para outras potencialidades entre as juventudes – são viabilizadas estrategicamente pela relação entre cultura e comunicação. Para reforçar essa perspectiva, Barbalho, então, centra o olhar no “perifativismo cultural” surgido a partir da atuação de moradores de favelas, bairros periféricos e pobres, em grande parte jovens que mantêm o espaço público virtual (no caso, a internet) e o transformam em um contradispositivo, isto é, em um dos espaços vitais para sua atuação dos chamados perifativistas.

É interessante pontuar que, independentemente de termos e terminologias que vigorem para denominar as juventudes enquanto atores políticos, há sempre novas formas e práticas cotidianas que acabam resultando em outras percepções e ações, até contrárias às que estavam previstas. Tal perspectiva é traduzida durante todo o livro, ainda mais quando o autor enaltece a cartografia como possibilidade teórico-metodológica para a investigação do cenário juvenil, justificando-a

como fluida, assim como o são as manifestações desta categoria social. As juventudes são um exercício de compreensão contínuo, e a cultura e a comunicação, também nesse viés, surgem como fomentadores do processo de construção e reconstrução de sentidos *por* e *para* essas juventudes.

Sobre a autora

Amanda Nogueira de Oliveira – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Data de submissão: 06/04/2015

Data de aceite: 01/02/2016